

Oração e Obediência

Vincent Cheung

Tradução: Marcelo Herberts

Se alguém se recusa a ouvir a lei, até suas orações serão detestáveis (Provérbios 28).

A tendência teológica prevalecente em nossos dias é contrária à relevância e aplicação contínuas da lei de Deus. Existe uma aversão à avaliação e direcionamento dos pensamentos e ações das pessoas com base nos claros e inflexíveis preceitos bíblicos. Essa escola de pensamento é denominada “antinomianismo”.¹ Esse erro teológico, de fato uma heresia, pode ter resultado de mal-entendidos sobre o legalismo, sobre a justificação pela fé e sobre o relacionamento entre o Antigo e o Novo Testamento.

É fácil ao antinomianismo ganhar seguidores, pois a humanidade nasceu antinomiana; as pessoas nascem rebeldes e hostis à lei de Deus. Como Paulo escreve, “A mentalidade da carne é morte, mas a mentalidade do Espírito é vida e paz; a mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo” (Romanos 8.6-7). A mente pecaminosa rebela-se contra a lei de Deus, mas a mente espiritual submete-se a ela. Uma vez que apenas os regenerados têm “a mentalidade do Espírito”, somente os crentes podem se submeter à lei de Deus. Isso implica que tanto quanto pudermos conhecer a respeito da relação de uma pessoa com a lei de Deus, podemos extrair algumas conclusões sobre a sua condição espiritual.

A lei de Deus separa a humanidade em dois grupos – os retos e os ímpios. Desde a queda de Adão, toda a humanidade se tornou perversa de nascença. Por sua culpa inerente, está em violação legal contra a lei de Deus, e por seus pecados subseqüentes, está em violação pessoal contra a lei de Deus. Mas tendo determinado que toda a humanidade tornar-se-ia ímpia através de Adão, Deus pela sua graça separou alguns da humanidade a fim de serem feitos retos por meio de Cristo. A história humana subseqüentemente expõe o conflito contínuo entre a semente de Deus e a semente de Satanás: “Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente² dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar” (Gênesis 3.15).

Esse conflito alcançou seu ápice na obra de Cristo, que decisivamente esmagou o reinado de Satanás. Assim, é ingênuo e antibíblico pensar que a religião trata da união da humanidade, pois a revelação bíblica demonstra que ela trata da dicotomia desses dois grupos, e a unidade é desejável somente entre os crentes.³ Este é um ponto chave para uma filosofia bíblica da história, e vai contra a interpretação dos eventos humanos

¹ Grego: *anti* = contrário a; *nomos* = lei. A exemplo de muitas heresias há diferentes versões dos fundamentos do antinomianismo.

² Nota da NVI: Ou *a descendência*. Hebraico: *semente*. (Nota do Tradutor)

³ Portanto, a divisão e inimizade entre esses dois grupos é resultado de um ato de graça; toda a humanidade seria “unida” em sua impiedade se Deus optasse não escolher alguns para a salvação.

preferida por muitas pessoas. Assim, Deus faz uma clara distinção entre os retos e os ímpios, a luz e as trevas, os cristãos e os não-cristãos:

Não se ponham em jugo desigual com descrentes. Pois o que têm em comum a justiça e a maldade? Ou que comunhão pode ter a luz com as trevas? Que harmonia entre Cristo e Belial? Que há de comum entre o crente e o descrente? Que acordo há entre o templo de Deus e os ídolos? Pois somos santuário do Deus vivo. Como disse Deus: “Habituarei com eles e entre eles andarei; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”. Portanto, “saíam do meio deles e separem-se”, diz o Senhor. “Não toquem em coisas impuras, e eu os receberei” (2 Coríntios 6.14-17).

Portanto, Deus faz distinção entre os retos e os ímpios quando eles se põem a orar. Provérbios 15.8 diz: “O Senhor detesta o sacrifício dos ímpios, mas a oração do justo o agrada”. As pessoas oram fervorosamente quando uma necessidade especial surge ou quando uma tragédia acontece; no entanto, algumas dessas mesmas pessoas se negariam à vida religiosa, ou até mesmo negariam ser cristãs. Portanto, é claro que não têm interesse em conscientemente estudar e obedecer aos mandamentos de Deus em sua vida diária. À luz do que estabelecemos acima, as orações dessas pessoas são inaceitáveis a Deus – mais do que isso, são detestáveis a ele.

Jesus diz em João 15.7: “Se vocês permanecerem em mim, e as minhas palavras permanecerem em vocês, pedirão o que quiserem, e lhes será concedido”. Isto parece tratar-se de um grande “se”. Quem são aqueles que permanecem em Cristo e sobre quem permanecem suas palavras? Somente os cristãos – não toda e qualquer pessoa que se auto-denomina cristã, mas cristãos genuínos, isto é, aqueles que têm sido mudados pelo poder de Deus, que têm recebido o Espírito Santo capacitando-os a obedecer aos mandamentos de Deus. Isso restringe aqueles que conferem com a descrição desse versículo a um grupo muito pequeno de pessoas. Talvez devamos fazer o que sugiro repetidamente, que precisamos enfatizar a teologia mais do que atividades como a oração, pois sem o primeiro, o segundo é destituído de significado. Muitas vezes, pregadores que enfatizam a oração primeiro, estão apenas dando aos descrentes a falsa certeza de que suas orações são aceitáveis a Deus, quando em verdade nem mesmo estão salvas.

Assim, o que significa “permanecer” ou “habitar” em Cristo? ⁴

Tenho ouvido muitas teorias fantasiosas a respeito, incluindo a que assume uma visão de certo modo romântica do Cristianismo. Interpretações e inferências falsas sobre a nossa comunhão com Cristo assim como os “ramos” são para a “videira” (v. 1-6) reforçam a tendência de vermos a nossa vida e a fidelidade a Cristo em termos místicos. Eles tendem a retratar a unidade envolvida como ontológica, falhando em não perceber a ênfase sobre o intelecto e a obediência pela menção de “palavras” (v. 3, 7, 10, 11). Com isso, essas interpretações falsas implicam na promoção da oração, cantos e outras atividades como meios de habitar em Cristo. Mas o versículo 7 estabelece que a oração respondida é o *resultado* de habitar em Cristo.

⁴ Outras traduções trazem “habitar” ao invés de “permanecer” (veja KJV, NASB).

Os comentários de João colocam explicitamente no que implica habitar em Cristo. O versículo 10 diz: “Se vocês obedecerem aos meus mandamentos, permanecerão no meu amor, assim como tenho obedecido aos mandamentos de meu Pai e em seu amor permaneço”. Em sua primeira carta geral, João escreve: “Amados, se o nosso coração não nos condenar, temos confiança diante de Deus e recebemos dele tudo o que pedimos, porque obedecemos aos seus mandamentos e fazemos o que lhe agrada... Os que obedecem aos seus mandamentos nele permanecem, e ele neles” (1 João 3.21-22, 24).

Habitamos em Cristo pela obediência aos seus mandamentos. João insiste que podemos eventualmente tropeçar, e diz: “Se afirmarmos que não temos cometido pecado, fazemos de Deus um mentiroso, e a sua palavra não está em nós. Meus filhinhos, escrevo-lhes estas coisas para que vocês não pequem. Se, porém, alguém pecar, temos um intercessor junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo” (1 João 1.10-2.1). Portanto ele não está se referindo à perfeição, mas a um estilo de vida que claramente demonstre obediência aos mandamentos de Deus. Muitas pessoas pensam que estão habitando em Cristo simplesmente porque continuam a *dizer* que crêem nele. Mas a resposta de Cristo é: “Por que vocês me chamam 'Senhor, Senhor' e não fazem o que eu digo?” (Lucas 6.46); logo, “Nem todo aquele que me diz: 'Senhor, Senhor', entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mateus 7.21).

Você já deve ter ouvido que o “Cristianismo não diz respeito a seguir um conjunto de regras”. Isso é verdade num sentido, mas apenas num sentido, e aqueles que repetem isso freqüentemente têm uma visão antinomiana antibíblica. Indubitavelmente o Cristianismo *não* consiste de um conjunto de regras que diz “Não manuseie!”, “Não prove!”, “Não toque!” (Colossenses 2.21), na medida em que sejam “mandamentos e ensinamentos *humanos*” (v. 22). Mas, e acerca destes “*Não* sejam orgulhosos, mas estejam dispostos a associar-se a pessoas de posição inferior. ⁵ *Não* sejam sábios aos seus próprios olhos. *Não* retribuam a ninguém mal por mal... Amados, *nunca* procurem vingar-se... *Não* se deixem vencer pelo mal, mas vençam o mal com o bem” (Romanos 12.16-21)? Certamente que a vida cristã exige “Ame o seu próximo como a si mesmo”, mas este é apenas um resumo de “‘Não adulterarás’, ‘Não matarás’, ‘Não furtarás’, ‘Não cobiçarás’, e *qualquer outro mandamento*” (Romanos 13.9), pois “o amor é o cumprimento *da Lei*” (v. 10). Isto é, andar no amor é fazer tudo aquilo que é ordenado pela lei.

“Cristianismo não diz respeito a seguir um conjunto de regras” é, portanto, uma declaração muito enganosa. Não somos *justificados* por obedecermos aos mandamentos de Deus, uma vez que não podemos obedecê-los antes de sermos cristãos. Mas quando Deus nos salva, ele concede o Espírito Santo para nos dispor à obediência das suas leis: “Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo em vocês; tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne. Porei o meu Espírito em vocês e os levarei a agirem segundo os meus decretos e a obedecerem fielmente às minhas leis” (Ezequiel 36.26-27).

Portanto, se por dizer “Cristianismo não diz respeito a seguir um conjunto de regras”, queremos dar a entender que não somos justificados simplesmente por obedecermos as leis de Deus, então isso procede. Mas se queremos dizer que não há leis divinas a seguir

⁵ Nota da NVI: Ou *mas adotem um comportamento humilde*. (Nota do Tradutor)

na vida cristã, isso não procede. De fato, os crentes são regenerados e justificados e *portanto* podem obedecer as leis e mandamentos de Deus, tal que se uma pessoa não demonstrar um estilo de vida definido de obediência aos mandamentos bíblicos, não é cristã, não importa o que diga. Ela pode dizer com grande convicção: “Jesus Cristo morreu pelos meus pecados e eu confio nele como meu Salvador. Jesus é Senhor!”. Essa pessoa não está falando a verdade; ela não é cristã. Novamente, uma pessoa não é salva pela obediência, mas de fato não foi salva a menos que demonstre obediência. A salvação vem somente pela graça à parte das obras, porém se uma pessoa não demonstra boas obras, isso significa que Deus nunca mudou seu coração pela graça.

Você pode dizer: “Eu pensava que este era um livro sobre oração! Você não estaria na verdade falando sobre algo diferente e então simplesmente associando vagamente à oração?”. Como mencionado na introdução desta seção do livro, é um engano focar no ato da oração em si quando debatemos o assunto. Se você entende o que eu tenho procurado comunicar ao longo deste capítulo, deve igualmente entender por que isso é assim. Você percebe, de acordo com Jesus, que para suas orações serem aceitáveis, você precisa antes de tudo ser cristão – um cristão genuíno que demonstre um estilo de vida de obediência – e *então*, pode “pedir o que quiser, e lhe será concedido” (João 15.7).

Oração aceitável depende de quem você é, e não simplesmente de você dizer as coisas certas quando ora. Por isso, é melhor encarar a oração por uma perspectiva mais ampla, relacionando-a ao seu estilo de vida e santificação. Talvez agora você possa apreciar melhor as palavras supracitadas de W. Bingham Hunter: “Do ponto de vista bíblico, a oração é relacionada a tudo o que somos e tudo o que Deus é. Deus *não* responde as nossas orações. Deus responde a *nós*: à nossa vida como um todo... Nosso Deus onisciente traz respostas ao conjunto da nossa vida, em que as orações constituem apenas uma parte. Isso significa que como você e eu vivemos quando não oramos e não adoramos é importante – talvez mais – que quando oramos e adoramos”.⁶

Não podemos merecer respostas às nossas orações por nossa boa conduta, pois mesmo que obedecêssemos plenamente a Deus, não mereceríamos qualquer coisa: “Assim também vocês, quando tiverem feito tudo o que lhes for ordenado, devem dizer: ‘Somos servos inúteis; apenas cumprimos o nosso dever’” (Lucas 17.10). Deus não nos deve qualquer coisa mesmo quando lhe temos obedecido perfeitamente, pois devemos, em primeiro lugar, perfeita obediência a ele. Portanto, não estou dizendo que devemos merecer respostas às nossas orações, mas que precisamos ser *cristãos* quando oramos, e se você é realmente cristão, pensará e agirá como tal. Então você saberá que Deus o ouve, tendo a certeza bíblica de que “o próprio Pai o ama” (João 16.27), pois tem lhe concedido um amor genuíno e uma sincera fé em Cristo.

Fonte: *Prayer and Revelation*, p. 52-55.

⁶ Hunter, *God Who Hears*; p. 13, 40.